

CONFIGURAÇÕES E DETERMINANTES DE PRÁTICAS DE LEITURA DE HOMENS E MULHERES DO CAMPO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NO ASSENTAMENTO PAULO FREIRE-MUCURI-BAHIA

Prof^a Me. Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho– UNEB/DED-C-X
luzenicarvalho@yahoo.com.br

Eixo 8 - Contribuições dos Movimentos Sociais para a educação dos trabalhadores: crianças, jovens, adultos e idosos (espaços formais e não formais)

Resumo: Este trabalho, resultado de Dissertação de Mestrado¹, focaliza algumas práticas de leitura de homens e mulheres do campo nos diferentes espaços de seu cotidiano, pretendendo, identificar e discutir possíveis fatores que configuram, determinam e diferenciam tais práticas, entre eles fatores como religiosidade, militância, gênero e escolaridade. A investigação foi realizada entre 2007 e 2008, com homens e mulheres do Assentamento Paulo Freire, localizado no município de Mucuri, na região do Extremo Sul da Bahia. A escolha dos sujeitos de pesquisa observou os critérios de: distintos níveis de escolarização e faixa etária (acima de 15 anos); desempenho ou não de função política no MST; algum vínculo com a terra na comunidade pesquisada. Os dados indicaram uma riqueza de práticas de leitura vivenciadas pelos investigados, especialmente no que se refere à leitura de jornais, livros e revistas. Os resultados ainda revelaram a presença de variados tipos de materiais escritos em suas residências, como livros de teoria, poesias, romances, jornais, dicionários etc, o que nos permitiu afirmar que, muitos fatores influenciam as práticas de leitura dos sujeitos da pesquisa, tais como nível de escolaridade, religiosidade, militância dentre outros.

Palavras-Chave: Práticas de leitura; configurações e determinantes; Assentamento Paulo Freire.

Considerações Iniciais

Destacamos que, este trabalho se insere nos estudos que compreendem as práticas de leitura como modos culturais, políticos e sociais de utilização da leitura, ou seja, como uma provocação com o que as pessoas fazem com a leitura. Compreendemos que estas práticas envolvem valores, atitudes, sentimentos e relacionamento social. E que os usos da leitura dependem sempre dos contextos em que elas se desenvolvem ou deixam de se desenvolver, dos objetivos práticos a que respondem, dos valores e significados ideológicos nela envolvidos (RIBEIRO, 2001).

¹Trabalho originalmente intitulado **Práticas de leitura de homens e mulheres do campo: Um estudo exploratório no Assentamento Paulo Freire – Bahia**, sob a orientação da prof^a. Dr^a Inês Assunção de Castro Teixeira e co-orientação da prof^a. Dr^a. Maria Isabel Antunes-Rocha do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação/UFMG.

De acordo com Freire, numa sociedade de classes como a nossa que, homens e mulheres tenham a oportunidade de ler e escrever para usar a palavra “para expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar”. (FREIRE, 1981, p.40)

Conceito de práticas de leitura e de leitura

Entendemos, nesta investigação, que o vocábulo prática “não significa aprender a fazer algo por repetição, nem tampouco uma atividade típica, comum” (TERZI, 2001, p.160). As práticas de leitura aqui defendidas e compreendidas são modos culturais, políticos e sociais de utilização da leitura, ou seja, são o que as pessoas fazem com a leitura e o que essas práticas fazem com elas. Compreendemos que essas práticas envolvem valores, atitudes, sentimentos e relações sociais. E que os usos da leitura dependem sempre dos contextos em que se desenvolvem, dos objetivos práticos a que respondem, dos valores e significados ideológicos nela envolvidos. (RIBEIRO, 2001).

A expressão *práticas de leitura*, nesse estudo, é concebida em oposição aos estudos tradicionais e freqüentes sobre leitura (aspectos psicológicos, pedagógicos, lingüísticos e cognitivos), que entendem os procedimentos mentais da leitura e de sua aquisição como um conjunto de processos abstratos e universais, realizados por um leitor ideal.

A expressão *práticas de leitura* aqui utilizada assinala uma disposição de lidar com a leitura em seu evento concreto, desenvolvida por leitores (as) reais, e colocada no interior dos processos responsáveis por sua heterogeneidade e variação. Nesse sentido, “esse modo de lidar com a leitura dá continuidade à tradição - predominantemente sociológica - de estudos sobre o tema na área das ciências sociais”. (GALVÃO; BATISTA, 2005, p.13)

Neste sentido, a expressão *práticas de leitura* marca o esforço de conferir aos estudos sobre esta temática, “uma dimensão interdisciplinar e uma intensa incorporação, pelas ciências sociais, dos resultados, métodos e perspectivas de diferentes disciplinas”, nas palavras de Galvão e Batista (2005, p.13).

A expressão *práticas de leitura* nesta investigação refere-se, igualmente, às condições sócio-antropológicas de leitura vivenciadas pelo leitor ou leitora. Isso significa dizer quem lê o que lê, para que lê, quando lê, onde lê e em que condições sócio-históricas e socioculturais tais práticas ocorrem. Por isso, a expressão “*prática de leitura*” pode significar um conjunto de atos que se manifestam de diversas maneiras. Em outras palavras, este estudo com trabalhadores/as do campo, homens e

mulheres Sem Terra, tem a pretensão de problematizar a leitura, considerando as significações plurais produzidas pelos (as) leitores (as) no contato com os textos.

Conceito de campo

Vale ressaltar ainda que, se principiou este estudo descartando as concepções que consideramos equivocadas e impregnadas de preconceitos acerca do campo, espaço onde homens e mulheres têm tido cerceados, cotidianamente, em muitos de seus direitos sociais. Dentre tais preconceitos, destacamos: 1) O campo tratado em tom nostálgico, que supõe um passado rural de abundância e felicidade e que perpassa parte da literatura, posição que despreza a proeminência dos conflitos que mobilizam as forças econômicas, sociais e políticas em torno da posse da terra no país; 2) A adoção do mundo urbano como parâmetro e do mundo rural como adaptação daquele e 3) O campo como lugar de atraso, considerado arcaico e inferior em relação ao mundo urbano.

Nas informações oficiais acerca de aspectos gerais do Brasil, a população rural consta apenas como estatística. São cifras de uma população deslebrada. Como bem enfatizam Fernandes et al (1998, p.12): “São apenas quantidades ou, no máximo referências marginais e pejorativas. É como se a diferenciação entre o rural e o urbano não fizesse mais sentido, uma vez que a morte do primeiro já estaria anunciada”.

Os movimentos sociais do campo, a exemplo do MST, têm tentado reverter essa lógica apontada pelos autores supracitados, e lutado para revitalizar o campo, reivindicando que, sejam criadas possibilidades de vida digna nesse espaço. Eles têm lutado na perspectiva da transformação do campo num lugar de se viver com qualidade de vida e, principalmente tentado romper com o estereótipo sobre as pessoas que moram fora dos domínios geográficos urbanos arraigados na sociedade.

Em se tratando do debate atual sobre o campo, é importante realçar que a novidade trazida pelos movimentos sociais, a partir de meados da década de 90, são as concepções de campo e de camponês, que vêm sustentando as propostas atuais. O camponês, nesse prisma, não é visto como um sujeito atrasado e arcaico, mas como um sujeito com identidade marcada por uma experiência cultural singular. (SOUZA; SANTOS, 2007)

O campo de que falamos e defendemos não é o campo do agronegócio, da propriedade de um dono só, mas o campo da agricultura camponesa, que produz para a subsistência do assentamento e para o mercado local. É o campo organizado, que luta por escola do/no campo, por melhores condições de vida. É o campo organizado que luta contra a plantação desenfreada do eucalipto, que luta contra os alimentos transgênicos, que luta a favor da reestatização da Companhia Vale do Rio Doce. O campo aqui enfatizado é um espaço de resistência.

Desenho da investigação: estratégias e procedimentos teórico-metodológicos

Tendo em vista os propósitos da investigação, as questões, os referenciais teóricos e o caráter exploratório do trabalho, utilizamos alguns procedimentos metodológicos e instrumentos de coleta de dados, numa combinação de estratégias dos estudos qualitativos e quantitativos, com predominância do primeiro tipo.

Uma razão para esta predominância da abordagem qualitativa segundo Minayo (1994, p.21) é que este tipo de aporte de pesquisa nas ciências sociais trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, valores e atitudes dos sujeitos, dimensões que não podem se limitar à operacionalização de variáveis ou certos tipos de dados e sistematizações de caráter estritamente quantitativo, para alcançar e compreender os problemas em um nível mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi escolhido como *lócus* de investigação um assentamento localizado em área de reforma agrária e vinculado ao MST: o Assentamento Paulo Freire, pertencente ao município de Mucuri, na região do Extremo Sul da Bahia², região simbólica por ter assistido ao nascedouro do MST na região nordeste do Brasil, em 1987.

Para a coleta de dados da investigação utilizou-se dos seguintes instrumentos: Observação de campo (reuniões, escola, jantares em família, de festas de aniversário, de celebrações

² A região focalizada comporta um cenário de avançado processo de miséria, pobreza, analfabetismo e desemprego, dentre outros. O MST, nesse contexto, atua como ator social mobilizador da luta pela transformação. Dados de 2007 dão conta da existência de 1.823 famílias assentadas e cerca de duas mil famílias acampadas, à espera de um pedaço de terra. O MST ocupa na região cerca de 42 mil hectares de terra.

religiosas – culto da Igreja Assembleia de Deus, terço na Igreja Católica -, da Assembleia mensal do assentamento, posto de saúde etc) e entrevista estruturada.

Ao longo da observação e de minha estadia no Assentamento (aproximadamente 30 dias, dividida em duas etapas) fiz registros fotográficos de cenas ou situações importantes para o trabalho, com o intento de corroborar as observações e entrevistas, já que, as fotografias auxiliam no trabalho, evocando a memória do pesquisador e sustentando a elaboração do texto.

Quanto ao grupo de entrevistados foi constituído por 47 sujeitos, o que significa 18,8% da população total do Assentamento, considerando-se apenas o número total de jovens e adultos, que são em torno de 250.

O que os (as) assentados (as) leem

Os homens e as mulheres do campo, como os das cidades, são seres de leitura: leitores e leitoras das coisas da natureza, da terra. São leitores do mundo em sua essência. Mas o estudo foi em busca de outra questão: seriam eles e elas além de leitores/as do mundo também leitores (as) da palavra escrita? Quais seriam suas práticas de leitura, qual seja o que costumam ler?

Perguntamos aos sujeitos entrevistados, o que costumam ler no cotidiano de suas vidas, que atividades realizam dentro e fora do assentamento onde a leitura se faz importante. Com estas perguntas, as práticas de leitura destes sujeitos vieram à tona, emaranhadas com suas leituras de mundo, mais intuitiva, mais vivencial, mais existencializada, menos intelectualizada.

Mediante tais indagações e, considerando a leitura como uma ação deliberada, utilizando ou produzindo materiais escritos, exercida em diferentes portadores de textos, das mais variadas formas, para atender às mais diversas finalidades, desejos ou necessidades, nos mais diversificados contextos, sejam eles internos ou externos ao assentamento e aos muros escolares, deparamo-nos com uma diversidade de situações onde a leitura se faz presente, mesmo que em alguns momentos os sujeitos não as percebam como tal.

Quanto aos materiais escritos que os sujeitos entrevistados costumam ler no dia-a-dia³ observamos que, no geral, sem considerar quaisquer fatores, os cinco portadores de textos mais citados foram: Bíblia e outros livros sagrados ou religiosos (55,3%); boletins, cartilhas e outros materiais do MST (44,7%); livros didáticos/cartilhas escolares (40,4%); contas de luz (38,3%) e rótulos e embalagens e apostilas de cursos (34%).

Os índices acima apresentados, de um lado reiteram os dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2007) que, apontou a Bíblia com 45% de incidência e os livros didáticos, com 34%, como os dois gêneros textuais mais lidos pelos brasileiros. De outro, divergem dos mesmos, visto que, segundo a referida pesquisa, o terceiro portador mais lido entre os brasileiros em geral é o romance, enquanto entre os assentados do MST que pesquisamos foram os boletins, cartilhas e outros materiais deste Movimento⁴.

Analisando os cinco portadores mais lidos pelos sujeitos, constata-se a presença de diferentes dimensões da vida social e do assentamento presentes nas leituras realizadas: religiosa, política, social e escolar, sendo que, a de cunho religioso pode ser compreendida pela forte presença deste elemento em suas matrizes culturais e nos processos sócio-históricos da história social brasileira, tanto no campo quanto nas cidades, na vida urbana, embora em diferentes configurações e distintos pesos, variando conforme os grupos sociais, a origem de classe, os índices de escolaridade entre outros fatores.

Esses dados revelam que, os materiais escritos mais lidos são também os de mais fácil acesso no Assentamento: os livros didáticos são conseguidos através da escola, chegam por meio dos filhos que estudam, “não precisam pagar por eles” de maneira direta. O mesmo se dá em relação aos boletins e cartilhas do MST e apostilas diversas, pois estes são doados, disponibilizados nos espaços dos quais os assentados fazem parte, dentre eles os cursos de formação, assembleias, caminhadas/marchas do Movimento etc. Quanto à presença da Bíblia, como o portador mais lido, confirma o índice dos 76,6% de sujeitos que participam de reuniões da igreja com frequência ao responderem de sua participação em espaços coletivos.

³ Neste quesito, como em vários outros do questionário e das respectivas tabulações e frequência de respostas, o informante podia indicar mais de uma opção, razão pela qual os totais de resposta ultrapassam o número de entrevistados.

⁴ Quanto ao fato de ser a Bíblia o material escrito mais lido entre os camponeses, parece ser algo de longa data e comum a outros países e épocas. Segundo pesquisa datada de 1790 na França, sobre representações de leituras camponesas, os entrevistados em sua maioria, ao responderem a um questionário a este respeito, diziam que o livro do povo camponês é antes de tudo religioso. (CHARTIER, 2004)

Vale ressaltar que, as letras de músicas que 27,6% revelam ler, se referem tanto a hinos da igreja, como às canções do MST.

Conclui-se que, os sujeitos apresentam práticas de leituras diversificadas, têm contato com variados tipos de textos escritos, de distintos domínios: informativos, poéticos, religiosos, políticos, escolares, domésticos etc.

Relação entre tipos de leituras e gênero

Mediante cruzamento dos fatores de gênero com os tipos de portadores de leitura, foram encontrados no grupo dos 21 homens e 26 mulheres pesquisados os índices abaixo.

Quanto às mulheres os principais portadores de textos ou os mais lidos são: Bíblia, livros sagrados ou religiosos, com 61,4%; os rótulos e embalagens, com 49,9%; livros didáticos/cartilhas, com 42,2%; boletins, cartilhas, materiais do MST, bulas de remédios, letras de música, revistas, com 34,5%; receitas de médicos e de remédios ou chás para a doença e a saúde, remédios para a lavoura e contas de luz com 38,4% e textos avulsos e textos/atividades/provas de filhos/irmãos/alunos (as) com 30,7%.

Os dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2007) também constam que o material mais lido pelas mulheres é a Bíblia (49%), seguida dos romances. Cabe ressaltar que as mulheres do campo têm como trabalho principal as atividades domésticas, combinadas ora com o trabalho agrícola, ou com atividades de serviços gerais/merendeira.

As leituras que as mulheres indicaram permitem algumas conclusões, dentre elas:

- a) Cabe quase exclusivamente às mulheres, ajudar nas tarefas dos filhos, dar conta de acompanhar a saúde da família e dos produtos que se consome dentro de casa;
- b) Dos 12,7% que declararam não possuir nenhuma prática religiosa a maioria é de homens. As mulheres são 2,1%. Isso indica que elas têm práticas religiosas cinco vezes mais do que os homens.
- c) As leituras das mulheres não se limitam ao alimentar dos desejos, fantasias, como muitos ainda imaginam ser e fora por muito tempo praticado por este grupo. Também figuram no seu dia-a-dia a leitura de materiais de formação política. Supomos que, tais

leituras se devem a sua participação nos espaços coletivos de caráter mais político. A este respeito, 77,6% afirmam participar de reuniões, encontros e assembleias do MST no assentamento; 72,9% afirmam participar de reuniões de encontros, congressos, marchas, passeatas fora do assentamento; 30,7% dizem participar de sessões da Câmara de vereadores e de seminários/encontros de formação (cursos de formação política) e 19,4% de reuniões de partido político;

- d) Outra suposição é de que essas leituras podem ser influenciadas não somente pela condição de gênero da entrevistada, mas também por seu nível de escolaridade.

Quanto aos portadores de textos lidos pelos homens encontramos os seguintes tipos e respectivos percentuais relativos a cada um deles: boletins, cartilhas, materiais do MST com 57,1%; Bíblia, livros sagrados ou religiosos e apostilas com 47,6%; livros didáticos/cartilhas, jornal e contas de luz com 38% etc.

As incidências acima apresentadas confirmam que, a suposição de que as leituras feitas por homens diferem das realizadas pelas mulheres em alguns aspectos dentre os quais destacamos:

- a) Enquanto o portador mais lido pelos homens se insere no campo político (os boletins, cartilhas e materiais do MST), o mais lido pelas mulheres enquadra-se no campo religioso, mais especificamente, a Bíblia;
- b) Se compararmos a quantidade de portadores de textos lidos pelos homens e pelas mulheres, distintamente, com freqüência acima de 10%, constata-se que, as mulheres leem uma variedade maior de gêneros, 31 ao todo, enquanto os homens leem 26;
- c) A maioria das leituras que, tanto homens como mulheres realizam, aponta para o atendimento de necessidades pragmáticas. Trata-se de resolver problemas do cotidiano, seja para ajudar os filhos nas tarefas escolares, seja para ler uma ata, um rótulo etc.
- d) Enquanto os três portadores de textos mais lidos pelos homens se situam predominantemente nos campos da formação política e da informação, os das mulheres estão nos campos religioso, doméstico e da formação escolar. Esses dados se aproximam dos índices obtidos na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2007) que, registraram como os três portadores mais lidos pelos homens sendo os livros de História, de Política e das Ciências Sociais, bem como a Bíblia e livros didáticos;

- e) Os textos de atividades/provas dos filhos, irmãos, alunos aparecem com 19% de freqüência nas respostas dos homens, enquanto representam 30,7%, o que deve estar associado a questões e processos relativos à divisão sexual do trabalho que demarca as atividades do lar e do cuidado dos filhos como da ordem do feminino ainda nos dias atuais, apesar das visíveis mudanças a este respeito;
- f) As mulheres também leem mais portadores de textos em suportes como aparelho celular e computador. 26,8% delas disseram que, leem mensagens no celular/torpedos contra 23,8% dos homens; 11,5% das mulheres dizem ler sítios ou páginas na internet, enquanto nenhum homem revelou tal prática. Esse dado além de indicar que práticas de leitura vinculadas às novas tecnologias como computador e aparelho celular são uma realidade também no contexto do campo, mesmo que em menor grau e amplitude do que nas cidades, ou ainda de “forma tímida”.

De uma maneira geral, os percentuais e tipos de portadores de textos encontrados nas práticas de leitura das mulheres e homens investigados apontam para a existência de tipos de leitura e portadores considerados, principalmente pela academia, pelos contextos escolares como sendo de baixo prestígio ou pouco legítimas, mas não é possível negar a existência dessa prática, em menor ou maior grau, com maior ou menor diversidade e qualidade de portadores de textos.

De outra parte, Chartier (1999) salienta que, determinadas leituras, ainda que não tenham uma referência e importância significativa, podem transformar a visão do mundo, influindo nas maneiras de agir e pensar das pessoas. Isso é perceptível nas falas dos sujeitos pesquisados, quando dizem que as leituras que realizam fazem com que se sintam mais fortalecidos, mais informados, mais gente. Nesse sentido, e, para, além disso, é preciso considerar que, as leituras não podem ser julgadas pela sua aparente força de expressividade ou de inexpressividade, por sua maior ou menor legitimação e valorização social, mas pelos significados atribuídos a elas por quem as pratica.

Relação entre tipos de leituras e práticas religiosas

No que se refere a possíveis influências ou relações entre as crenças e práticas religiosas dos sujeitos e suas práticas de leituras em seu dia-a-dia, no grupo dos 47 sujeitos da pesquisa, 55,3% identificaram-se como católicos, 31,9% como evangélicos e 12,7% disseram não possuir nenhuma religião/prática religiosa.

Algumas considerações sobre o que os entrevistados costumam ler no dia-a-dia, observando-se o fator prática religiosa temos:

- a) Em se tratando de quantidade de gêneros textuais apontados pelo grupo, os católicos são os que lêem uma maior variedade de textos, 27 ao todo. Os evangélicos e os que não têm prática religiosa apresentam a mesma quantidade de gêneros lidos, qual seja, 25 (vinte e cinco) casos;
- b) Os três grupos leem a Bíblia, mas com freqüências distintas. Tanto evangélicos quanto católicos tem a Bíblia como o portador de texto mais lido. A diferença está nos percentuais apresentados. Enquanto 79,9% dos evangélicos dizem ler a Bíblia, entre os católicos estes índices caem para 46%. E os que não possuem nenhuma prática religiosa também disseram que lêem a Bíblia, num total de 33%. Uma ressalva, ao lado da Bíblia, para os católicos aparecem os materiais do MST como o portador de texto mais lido, ambos os tipos de portadores textuais com a mesma freqüência, de 46%.
- c) O fato da Bíblia e dos materiais do MST aparecerem em primeiro lugar entre os católicos se justifica porque dos 26 que assim se identificaram, 14 ocupam alguma função política no MST, o que representa um percentual de 53,8%, o maior dentre os três subgrupos. Os evangélicos representam 6,6% e os sem nenhuma prática religiosa 33,3%. Assim, observa-se que, a participação política efetiva nas instâncias organizativas (funções/cargos) do Movimento/Assentamento se dá, predominantemente entre os católicos, o que poderá ser explicado, entre outras razões, pela forte presença de setores da Igreja Católica em toda a história do MST.
- d) As práticas de leitura se assemelham em muitos aspectos, mas se diferem em outros nestes três subgrupos. Enquanto os dois portadores mais lidos pelos católicos estão no campo político e religioso, os dos evangélicos se situam somente no segundo. E entre os que não têm práticas religiosas, predominam portadores de textos de cunho político e de formação escolar.
- e) Quanto ao aspecto de quem lê mais e o quê se lê temos que: 1) os que não têm prática religiosa leem mais que os dois outros subgrupos, sendo que costumam ler 12 tipos de portadores de textos, dentre eles: poesia, livros de literatura/romances, livros técnicos, de teoria, de ensaio, calendários/folhinhas, livros didáticos, cartas/bilhetes, faturas etc. 2) os evangélicos leem mais do que os demais grupos 10 tipos de portadores, dentre

eles: Bíblia, letras de músicas (estas neste contexto se referem aos hinos cantados na igreja), apostilas, mensagens no celular/torpedos, textos avulsos, propagandas de vários tipos; 3) os católicos leem mais que os outros grupos somente 02 (dois) portadores: textos/atividades/provas de filhos/ irmãos/alunos (as) e receitas de médicos e de remédios ou chás para a doença e a saúde, remédios para a lavoura.

Esses dados mostram ao mesmo tempo a dispersão acerca dos portadores lidos pelos três subgrupos e ao mesmo tempo a concentração, a preponderância de cada um.

Quando estabelecemos comparação entre a preponderância de cada um, encontraremos que os que não têm nenhuma prática religiosa fazem mais leituras voltadas para o aprimoramento de conhecimento, leituras para a reflexão política e pedagógica (33,2% dos sujeitos desse grupo são estudantes do ensino superior), para a fruição e também voltadas para a resolução de situações do cotidiano. Já os portadores lidos com maior incidência pelos evangélicos se voltam para a dimensão religiosa em primeiro plano e depois para o atendimento de necessidades pragmáticas do cotidiano. Esperávamos que, devesse ter nesse grupo a maior incidência de acompanhamento de atividades e provas dos filhos/alunos, visto que, neste subgrupo possui 13,2% de educadores e ainda comporta sujeitos com filhos menores em idade escolar, como pude perceber na observação de campo. Em tratando dos católicos os portadores lidos por este subgrupo situam no atendimento às necessidades práticas do dia-a-dia, enfatizando que dentre os três, os índices apontam ser o subgrupo que mais acompanha as atividades e provas realizadas pelos filhos.

Em se tratando do que os três grupos leem de diferente, um em relação aos outros, constatamos que são os católicos que leem com mais incidência a maior variedade de portadores de textos.

Relação entre tipos de leituras e nível de escolaridade

Tanto no discurso do senso comum quanto na literatura especializada, a escolarização tem sido considerada uma condição fundamental para que as pessoas possam participar plenamente das sociedades letradas. Neste sentido, procuramos conhecer os níveis de escolaridade dos entrevistados com o intuito de examinar possíveis variações de suas práticas

de leitura conforme sua escolaridade, ou seja, fizemos um cruzamento entre estes dois fatores ou elementos.

A este respeito vale realçar que, nossos entrevistados possuem os seguintes níveis de instrução escolar: 06 sujeitos não possuem nenhuma instrução, embora saibam ler; 06 fizeram algumas séries iniciais do Ensino Fundamental, mas não o completaram; 05 possuem as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental completas; 12 cursaram de 5^a a 8^a séries do Ensino Fundamental, mas não o completaram; 01 cursou de 5^a a 8^a séries do Ensino Fundamental completo; 02 possuem o Ensino Médio Incompleto; 06 fizeram o Ensino Médio Completo; 08 têm Curso Superior Incompleto e 01 possui Ensino Superior Completo.

Ao analisarmos o nível de escolaridade e os portadores de textos que os sujeitos entrevistados dizem ler, algumas constatações foram feitas, dentre elas:

- a) Os portadores de textos mais lidos permanecem os mesmos, independentemente do grau de instrução escolar, mudando apenas os percentuais em cada subgrupo. Deste modo, a Bíblia aparece em 7 dos 8 subgrupos, com índices que variam de 41,6% a 100%; os livros didáticos aparecem em 06 subgrupos, com índices que variam entre 33,3% e 100%; as apostilas de cursos com índices entre 20% e 100% despontam também em seis grupos, como as cartas/bilhetes com percentuais entre 16,6% e 100%.
- b) Os grupos que leem a maior variedade de portadores de textos são o do Ensino Médio Completo e os do Ensino Superior Incompleto: o primeiro com 37 e o segundo com 38 diferentes portadores de textos. Esta constatação permite-nos pensar que quanto maior o nível de escolaridade das pessoas, maior a variedade de textos que elas leem, fato que se reitera a possibilidade de a escola oferecer aos educandos mais contato com diversos tipos de portadores de texto e de leitura;
- c) A leitura de livros técnicos, de teoria, de ensaio é mais comum entre os sujeitos que possuem maior nível de escolaridade, em especial os que concluíram o Ensino Médio (33,3%) e os que estão cursando o Ensino Superior (62,5%). A prática de leitura de livros técnicos é citada ainda por 16,6% dos que possuem o Ensino Fundamental I, conduzindo-nos a pensar que pessoas com baixo grau de escolaridade estão tendo acesso a esta prática no assentamento, só não aparece com força nos dados. Em outros momentos da entrevista sujeitos falam de autores lidos, como Paulo Freire, Che Guevara, Ademar Bogo, Marx, Mao Tse Tung etc.

- d) Os dados também assinalam que, a leitura de livros de literatura/romances está circunscrita àqueles que possuem níveis mais altos de escolaridade: 33,3% dos que já concluíram o Ensino Médio e 75% dos que cursam o Ensino Superior;
- e) A leitura de poesia aparece em 5 (cinco) dos 9 (nove) subgrupos como sendo uma prática cotidiana, mas há uma predominância de percentuais no Ensino Médio concluído (33,3%) ou cursando (50%) e no Ensino Superior Incompleto cursando (37,5%).
- f) Os portadores de texto mais lidos pelos que possuem menores níveis de escolaridade (nenhuma instrução escolar até Ensino Fundamental I completo) são aqueles diretamente ligados ao contexto doméstico e à resolução de situações práticas no dia-a-dia: rótulos e embalagens, cartas/bilhetes, faturas, contas diversas etc. Ressalta-se, porém que, entre esse grupo encontramos os que dizem ler: boletins, cartilhas e materiais do MST, a Bíblia, livros didáticos, poesias etc.

Destaca-se, ainda, que os índices encontrados reiteram os da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2007), pois demonstram progressiva valorização da leitura à medida que avança a escolarização dos entrevistados: em todos os suportes (livro, revista, jornal e internet) o Ensino Superior aparece com um índice maior de leitura. Isto é, os entrevistados com esse nível de ensino leem muito mais que a média dos assentados/as tanto livros técnicos (35%), quanto obras sobre História, Política e Ciências Sociais (37%), quanto a ensaios e Humanidades (15%), Biografias (30%) e usam muito mais a internet (31%).

Quanto à prática de leitura de mensagens no celular/torpedo chamou-nos a atenção pela sua presença significativa entre os sujeitos, variando entre 16,6% e 50% em alguns grupos, a partir dos que possuem as séries iniciais do Ensino Fundamental incompleto.

Tomando as incidências relativas a cada um dos subgrupos especificamente, algumas evidências devem ser também registradas: Quanto ao subgrupo dos que lêem um menor número de portadores de textos no dia-a-dia (26 ao todo), apresenta algumas particularidades que merecem ser ressaltadas: a) O único sujeito deste grupo que teve acesso à escola, freqüentou-a por apenas 30 dias; b) Ainda, é neste grupo que está concentrado 26,6% dos que trabalham exclusivamente com a agricultura; c) Nenhum dos entrevistados deste agrupamento estuda atualmente; e d) todos, sem uma única exceção, tiveram/têm pais e mães que eram/são analfabetos/as absolutos.

Uma justificativa para a importância da leitura neste subgrupo, mesmo que estes entrevistados não tenham freqüentado a escola, pode estar na razão de 33,3% deste grupo ocupar função política no MST. Nesta função, desempenham tarefas que, segundo eles, exigem a leitura de materiais escritos: coordenação de grupos de 10/50 famílias, diretoria da Associação do Assentamento.

Sobre o Ensino Fundamental (5^a a 8^a séries) incompleto: Uma justificativa para a variedade de gêneros que este subgrupo como portadores que costumam ler pode ser pelo fato de nele se concentrar 47% dos 17 (dezessete) sujeitos da pesquisa que exercem função política no MST. Também faz parte deste grupo 01 sujeito que exerce funções junto a um partido político. O fato de participar de uma função nas instâncias do MST movimenta a necessidade de se realizar muitas e diferentes leituras, conforme responderam os entrevistados ao falarem da necessidade de leitura por estarem à frente de alguma função no MST/Assentamento. Neste caso, o nível de escolaridade não foi o fator determinante das práticas realizadas.

Algumas considerações acerca do grupo de Ensino Superior Incompleto - 08 sujeitos ao todo - 50% ocupam função política no MST, 50% são evangélicos, 25% são católicos e 25% não têm nenhuma prática religiosa, 100% estão estudando atualmente fazendo cursos na área de educação, 50% são educadores das séries iniciais atuando na atualidade em sala de aula. Assim justifica tanto a incidência de variedade de portadores lidos, como os mesmos se concentrarem entre Bíblia, livros de teoria, livros didáticos, romances e poesia. Vários fatores influenciam as práticas de leitura deste grupo: religiosidade, militância política e nível de escolaridade, sendo que o de maior peso é o último fator citado.

Quanto ao Ensino Médio Completo: O equilíbrio entre os percentuais dos portadores que aparecem como os mais lidos são: Bíblia, letras de músicas (tanto canções do Movimento quanto hinos religiosos) e boletins do MST supomos ser devido ao perfil desse grupo: Desses 33,3% são evangélicos e 49,9% são católicos. Do total, 33,3% ocupam função política no MST e tem ainda os que não ocupam função política (16,6%), mas que dentro de casa (esposo, irmão ou pai) ocupam função política no MST e possuem uma variedade de gêneros os quais os sujeitos desse grupo têm acesso.

Relação entre tipos de leitura e militância política

Dos 47 sujeitos pesquisados, 36,2% ocupam uma função política no MST e 63,8% não ocupam nenhuma função política. 44,7% são homens e 55,3% são mulheres. Entre os que não ocupam nenhuma função política as mulheres são maioria: 63,2%. Mas quando se trata de militância política, as mulheres são minoria: 41,1% frente a 58,8% de homens. Os militantes⁵ ocupam variados cargos nas instâncias do MST. A leitura dos dados relativos aos portadores de textos mais lidos pelos sujeitos envolvidos com militância política nos conduz, dentre outras, às seguintes constatações:

- 1) Enquanto o portador de texto mais lido pelos que ocupam função política no MST são os boletins, cartilhas e materiais do Movimento (70,5%), o mais lido pelos que não o fazem é a Bíblia (63,2%).
- 2) Não figura dentre os 05 portadores mais lidos pelos que ocupam função política no MST materiais escritos cujo propósito é resolver situações do dia-a-dia, atenderem necessidades sociais, como ler rótulos e embalagens, conta de luz etc. Já os que não ocupam nenhuma função os citados portadores de texto aparecem com forte expressividade.
- 3) Os que ocupam função política mostram estar utilizando outros suportes que não apenas o impresso para realizar a leitura. A leitura de mensagens no celular/torpedos aparece como o segundo portador mais lido por estes. Analisando pela dinamicidade que se constitui participar de processos de organização política, comprehende-se que esta prática se faz necessária pela agilidade da comunicação. Também os que não ocupam função política apresentam esta prática só que com menor freqüência entre eles: 19,9%.
- 4) Uma prática apresentada pelos entrevistados militantes, que merece ser ressaltada, é a leitura de Caderno de Anotações (pessoais, reuniões, contas). Esta prática é feita principalmente pelos sujeitos que apresentam níveis de escolaridade mais baixos. Estes usam o caderno para fazer anotações referentes ao trabalho da roça, da venda de produtos (cosméticos, leite, cacau etc) da função que exerce junto ao Movimento e ainda, para registrar fatos do cotidiano, escrever poesias.

⁵ Quando falo de militante, estou me referindo ao assentado/assentada que exerce uma função política em quaisquer das instâncias/setores do MST. É o sujeito (homem ou mulher) que participa de forma efetiva de reuniões, negociações, marchas, cursos de formação, assembléias, encontros. Conforme a ocasião, situação ou período, ou melhor, quando em cargo de coordenação, o militante representa uma base que o elegeu.

Depois de analisar os dados que trazem os portadores de textos lidos por um e por outro grupo, conferimos que, os dois grupos têm em comum lerem 20 (vinte) portadores de textos dentre eles, a Bíblia, materiais do MST, cartas/bilhetes etc.

Pudemos perceber que nos grupos onde existem pessoas que ocupam alguma função no MST os dados se ressignificam, há uma variedade de gêneros textuais mesmo que haja sujeitos com baixos nível de instrução escolar. Isto se supõe porque as pessoas que ocupam estas funções transitam muito, conforme eles têm a oportunidade de conhecer novos lugares, participar de eventos onde geralmente existe a necessidade de leitura, têm a oportunidade de ouvir palestras sobre temáticas diversas.

Considerações finais

Constatamos que os sujeitos do campo leem, e que estas práticas atendem a variados propósitos e que as práticas desses homens e mulheres mostram dependência com o contexto sócio-histórico-cultural em que estas práticas estão inseridas. Isso significa dizer que os sujeitos apresentam práticas de leitura diversificadas, fazendo os mais diversos usos sociais da língua escrita, mesmo que essas práticas sejam em portadores que não tenham tanta força cultural para os defensores da chamada cultura escrita legítima.

Os dados nos permitem afirmar que, muitos fatores apresentam relação com as práticas de leitura dos sujeitos da pesquisa, sendo que os que têm maior peso são: nível de escolaridade, religiosidade e militância, o que vem a ratificar a sempre afirmação feita ao longo deste trabalho da influência do contexto existencial: social, cultural, político, religioso etc. Quanto ao fator gênero, não observamos relação que se caracterizasse como sendo dessa natureza, visto que as incidências se apresentaram pequenas, ora favorecendo homens, ora favorecendo mulheres. Apesar dessa não caracterização, ainda são as mulheres que aparecem como leitoras fluentes de romances e de poesias.

Constatamos por fim que as principais práticas de leitura dos sujeitos: leitura da Bíblia e de materiais de formação diversos: política, de estudo etc estão ligadas a duas instituições: a igreja e ao MST. A primeira pelo vínculo que a maioria estabelece com a prática religiosa, apenas 2,7% dizem não ter nenhuma, mas dizem participar mesmo assim de reuniões,

celebrações e festas de Igreja(s). A segunda por ser a Organização a que estão vinculados e por esta proporcionar o acesso aos materiais diversos a que têm posse.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Leitura: Práticas, Impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros*: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- FERNANDES, Bernardo Mançano, et al. *Conferência Nacional Por uma Educação do Campo*: Texto base. Brasília: MST, CNBB, UNICEF, UNESCO, UnB, 1998.
- PROLIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil 2007*. Disponível em <http://www.prolivro.org.br>. Acesso em junho de 2007.
- RIBEIRO, Vera Masagão (org). *Educação de Jovens e Adultos*: Novos leitores, novas leituras. Campinas, SP: Papirus; São Paulo: Ação Educativa, 2001.
- SOUZA, Maria Antônia de; SANTOS, Fernando Henrique Tisque dos. *Educação do Campo e MST*: olhar de professor. *Ponta Grossa* 10 (2): 211-226 2007. Disponível em <http://www.uepg.br/olhardeprofessor>. Acesso em Março de 2008.
- TERZI, Sylvia Bueno. Para que ensinar a ler jornal se não há jornal na comunidade?: O letramento simultâneo de jovens e adultos escolarizados e não-escolarizados. In: RIBEIRO, Vera Masagão. *Educação de jovens e adultos*: novos leitores, novas leituras. Campinas, SP: Papirus; São Paulo: Ação Educativa. 2001, pp 153-175.